Mal de Chagas

A Notícia (SC), 21de abril de 2005

Germano Woehl Jr.
www.ra-bugio.org.br

No triste e lamentável episódio das pessoas que contraíram mal de Chagas ao ingerirem caldo de cana contaminado, que, de forma surpreendente, chegou até a ceifar vidas, foi esquecido de destacar alguns de nossos protetores infalíveis, verdadeiros anjos da guarda que, sem dúvida alguma, evitaram que tragédia tivesse proporções ainda maiores.

Antes de tudo, é necessário que a sociedade perceba o quanto foi importante nesse episódio a dedicação de alguns brasileiros e os investimentos feitos em ciência no passado, há quase um século, para que hoje possamos colher os benefícios. Não fossem os estudos conduzidos por Carlos Chagas, essa terrível doença tropical teria conseqüências bem mais graves do que conhecemos hoje. Também, não podemos deixar de reconhecer a competência e empenho da equipe de professores da UFSC e de pesquisadores da Fundação Instituto Osvaldo Cruz, que rapidamente resolveram o caso, dando uma resposta clara e precisa à sociedade, num assunto que era de extrema gravidade e urgência. No momento em que a sociedade precisou, mais uma vez essas instituições corresponderam, o que demonstra a importância que elas têm para o País. Por isso, a sociedade deve exigir dos governantes e políticos o máximo de esforços para que sejam tratadas com seriedade, recebendo todos os recursos que necessitam, para investimento e manutenção, e não serem deixadas à míngua, sucateadas, como vem ocorrendo nos últimos anos.

É um fato intrigante o surgimento dessa terrível doença tropical em Santa Catarina, bem distante do Nordeste brasileiro, onde ela é muito comum. O que este inseto, conhecido como barbeiro, de tão longe estaria fazendo em nosso litoral? Considerando os inúmeros casos de organismos vivos (plantas, animais, fungos, bactérias...) que têm sido levados, com ajuda do homem evidentemente, de um lugar para outro, contaminando ou invadindo os ecossistemas (contaminação biológica), não surpreende a presença desses insetos por aqui, que podem ter chegado em grande número, aos milhares, vindos de carona em caminhões, por exemplo. Às vezes estes "invasores" passam desapercebidos, mas nem sempre é assim, como, por exemplo, o mosquito Aedes aegypti que foi "importado" da África, transmissor da dengue, que tanto mal já nos causou; o caramujo africano, também importado da África; e um caso recente estudado por nós, do Instituto Rã-bugio para Conservação da Biodiversidade: espécie de carrapato da região Norte do Brasil, que atacou de modo fulminante os sapos de

Corupá, ao pé da serra do Mar catarinense, onde encontrou condições ambientais favoráveis para prosperar, além da abundância de hospedeiros - os sapos, no caso. A espécie de carrapato em questão é específica de animais de sangue frio (répteis e anfíbios) e, nos últimos anos, vem dizimando a população de sapos em Corupá, nativos da mata atlântica da região Sul e Sudeste do Brasil.

Apreciadores dessa deliciosa bebida, o caldo de cana, nunca imaginamos ficar tão expostos ao perigo pelo hábito tão saudável. Sem dúvida alguma, fomos salvos pelos vestígios da mata atlântica ao longo das rodovias, que ainda são capazes de abrigar um pouco de fauna, ou seja, dos inimigos naturais do inseto barbeiro: sapos, morcegos, gambás, corujas, lagartos, entre muitos outros. Sem querer puxar a sardinha para meu lado, mas os sapos que à noite perambulam pelos pátios dos quiosques que vendem caldo de cana ao longo da BR-101, sobretudo em Pirabeiraba (Joinville) e na divisa de SC com o PR, onde são mais abundantes (por causa do clima e por ser uma região menos urbanizada), são, de longe, os maiores exterminadores de inseto como os barbeiros (e baratas também). Estudos revelam que um sapo adulto é capaz de devorar 10 mil insetos (do tamanho de um barbeiro) em apenas três meses. Talvez, se não fosse o apetite voraz de um sapo, que come qualquer coisa que se mexa, poderia não estar escrevendo, e muitos dos leitores também não estar lendo este artigo.

Além dos sapos, podem também ter sido nossos anjos da guarda os gambás, corujas e morcegos, prováveis predadores do barbeiro, que são animais geralmente odiados pela população. Nossos anjos da guarda reais podem apresentar um visual não muito atraente para nós, mas nos prestam serviço de importância vital. E para que eles continuem nos protegendo, é necessário a gente permitir que eles continuem vivendo, ou seja, garantir a preservação das últimas áreas de mata atlântica.

Germano Woehl Jr., do Instituto Rã-bugio para Conservação da Biodiversidade, Guaramirim/ germano@ra-bugio.org.br